

O PAPEL DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES E SUA RELAÇÃO COM O USO DO ÁLCOOL

**Francisca C. Borges Galletti*

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa que busca compreender como se dá a construção da identidade de adolescentes que fazem uso do álcool. Para esta apresentação priorizei a família por ser ela considerada, pela maioria dos autores, base para a socialização, lugar onde a criança interioriza normas e papéis sociais. Levei em consideração nessas reflexões que a família vem apresentando consideráveis mudanças em sua atuação e vivência atualmente o que pode ser definido como uma crise de sentido. Esta crise torna-se evidente na transmissão dos padrões e expectativas com relação ao uso de bebidas alcoólicas aos adolescentes. A insegurança dos pais sobre seus próprios padrões morais, o desconforto na colocação de limites e a força da interiorização de modelos/hábitos familiares de consumo e opções de bebidas podem implicar, de forma considerável, no agravamento do quadro de uso de álcool pelos adolescentes.

Este trabalho é parte de uma pesquisa que busca compreender como se dá a construção da identidade de adolescentes que fazem uso do álcool. Na pesquisa parto da premissa que o homem é um ser social sendo a sua subjetividade construída nas relações sociais, pela família num primeiro momento (socialização primária) e, posteriormente pela inserção nos demais grupos. (socialização secundária). Conforme Berger e Luckmann (1985) nascemos com o potencial para nos tornarmos humanos, sendo necessária a inserção social em determinado grupo para que isto seja possível. O indivíduo ao nascer já está inserido numa determinada sociedade que modelará

suas ações e dará sentido a elas, baseado no conjunto do conhecimento social. Isto estará sendo feito progressivamente e, passará a fazer parte de sua ação e vida.

Enfocarei a família por ser ela considerada, por muitos autores, base para a socialização, lugar onde a criança interioriza normas e papéis sociais. Berger e Luckmann (1997) explicam melhor essa idéia:

“A criança se situa a si mesmo em relação às reservas sociais de sentido. Durante este processo desenvolve progressivamente sua identidade pessoal.

Uma vez que chega a compreender o sentido de suas ações, entende também que a ele se considera em princípio responsável de suas próprias ações. Isto é o que constitui a essência da identidade pessoal: o controle subjetivo da ação da qual ele é objetivamente responsável.” (p.44).

Embora ela não seja passiva nessa relação, não ocorrendo um processo unilateral, a criança tem que, necessariamente, interiorizar o mundo desses adultos como sendo o único mundo existente. Como já foi dito, nesse processo ela desenvolve sua própria identidade, entendida aqui conforme Ciampa (1998) que coloca a “*identidade humana como metamorfose ou seja; o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas*”. (p.1).

A família à qual irei me ater neste trabalho é a família moderna ou família burguesa nuclear que surge por volta de 1750 (século XVIII) e que traz mudanças significativas na forma de relações familiares

**Psicóloga educacional, integrante do Grupo de Atendimento ao Alcoolismo da Disciplina de Gastroenterologia da Faculdade de Medicina do ABC.*

Especialização em adolescência pela UNIFESP – Escola Paulista de Medicina

Mestranda em Psicologia Social (identidade de adolescentes) pela Universidade São Marcos.

visando atender às necessidades de uma nova ordem econômica (o capitalismo). Usaremos aqui, o termo família burguesa como sinônimo de família moderna e isto deve-se ao fato de que a forma de estrutura dessa família foi paulatinamente adotada ou absorvida pelas demais classes sociais.

Assim, nas famílias anteriores à burguesa, a socialização da criança era feita pela e na sociedade, no contato destes com os adultos de forma geral. Na família burguesa surge a privacidade familiar, há uma divisão entre o espaço público e privado, entre a razão e a emoção. O trabalho passa a ser realizado em lugar específico, marcado pelas negociações e pela razão. O lar passa a ser o lugar onde se pode dar vazão às emoções, desenvolvendo-se então, maior afetividade nas relações do casal e entre pais e filhos. O pai passa a trabalhar para prover a família, enquanto a mãe fica encarregada da educação dos filhos, estabelecendo assim, uma clara divisão de papéis sexuais. Existe uma total dependência dos filhos em relação aos pais, sendo estes seus únicos modelos de identificação. Os pais dão amor e impõe a autoridade. Esperam que seus filhos correspondam a suas expectativas, ou seja; aceitação das normas e papéis estabelecidos.

Como essa família está inserida em determinada sociedade, esses papéis por sua vez, têm sua atuação padronizada/cristalizada pela ideologia que predomina nesse meio. Assim, a família além de ser o “locus da vida psíquica”, cumpre também importante papel de reprodução ideológica, transmitindo, mesmo que de forma inconsciente, mecanismos de regulação e manutenção social. Portanto, mesmo considerando a existência de outros modelos, o enfoque deste trabalho fica direcionado para a família que predomina em nossa sociedade e que melhor cumpre suas funções como reprodutora da ideologia atual. (Reis, 1988, p.104-105).

Parece-me claro que essa família vem vivenciando modificações e, buscando novos arranjos em seu desempenho para cumprir o papel que lhe cabe. Porém, nas últimas décadas, temos notado que a família, considerada, como já mencionamos, base para a socialização e construção da identidade, vem apresentando mudanças consideráveis em sua estrutura, em sua atuação e vivenciando uma crise de sentido. Houve progressivamente uma desvalorização dessa instituição, embora sua atuação continue sendo muito importante. Paulatinamente, ela perdeu o controle e vem progressivamente abrindo mão de sua atuação como formadora e educadora de seus filhos. Os pais sentem-se inseguros sobre seus próprios padrões morais e valores. Existe uma extrema dificuldade em colocar limites, emitir opiniões, gerando com isso uma considerável diminuição de sua influência e autoridade sobre os mesmos. Marcuse (1972), aponta que houve uma progressiva descentralização da atuação familiar. No início da

família burguesa as figuras parentais centrais, pai e mãe, eram responsáveis pela influência, repressão, dominação e autoridade. Essas figuras eram facilmente identificáveis. Mas, com o decorrer do tempo e maior complexidade social, a instituição familiar cedeu espaço para que outras instituições realizem o seu papel (escolas, médicos, psicopedagogos, meios de comunicação de massa, etc.) Assim, paulatinamente, outros agentes sociais passam a desempenhar grande parte da função familiar. Afinal temos que considerar que, a modernização implicou no aparecimento de um leque enorme de possibilidades e alternativas materiais, tecnológicas, intelectuais e sociais, assim como o questionamento de todas as verdades estabelecidas. Isto permitiu uma grande liberdade de ação e opção e, ao mesmo tempo levou os indivíduos a sentirem-se cada vez mais inseguros, confusos e pressionados pela necessidade de estar constantemente fazendo opções. (Salles, 1997)

Berger e Luckmann(1997) apontam que o que marca significativamente no processo de pluralização na modernidade é a rapidez alarmante com que ocorrem as mudanças, a variedade de opções que surgem e, o número de pessoas atingidas por elas. Assim, os pais e conseqüentemente, os adolescentes encontram-se cada vez mais perdidos nas suas escolhas, uma vez que o grande número de modelos de identificação de vida, de família, de comportamentos, etc. é ilimitado. Cada um se vê cada vez mais frente a frente com uma descontinuidade de ação, de valores, de postura e responsabilidades frente a vida e, conseqüentemente uma descontinuidade, uma fragilidade em sua identidade pessoal, o que leva cada vez mais ao aparecimento de crises existenciais, não só na adolescência, mas nos mais variados momentos da vida.

Com relação ao uso do álcool por adolescentes, toda problemática mencionada aparece mais nitidamente. Por ser o álcool uma droga socialmente aceita, a própria família e a sociedade participam como incentivadoras e têm uma tolerância muito grande com o uso. Assim, a família mostra consideráveis contradições em sua atuação ao desejar e esperar que os jovens resistam à “tentação” do uso do álcool na adolescência e que sejam sensatos o bastante para saber o quanto o seu uso pode ser prejudicial. Esquecem-se que o mundo (família e outros grupos sociais) apregoa e enfatiza, em demasia, o prazer e a sensação de liberdade obtida no consumo de bebidas alcoólicas.

Os dados apresentados pelo CEBRID – Centro Brasileiro sobre Drogas Psicotrópicas em dados recentes colhidos junto a estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras mostra que 28,6% desses estudantes tomaram bebidas alcoólicas pela primeira vez em sua residência, sendo estas oferecidas pelos próprios pais (21,8%). Assim, a família aparece como

sendo de crucial importância na formação e transmissão das expectativas de uso.

Aos pais não basta orientar sobre a forma de utilização e conseqüências advindas do uso, mas o que, muito provavelmente, determinará a opção para a ingestão pelo adolescente será o próprio padrão de uso da família e as justificativas usadas por ela para isso; ou seja, as crenças internalizadas por esse adolescente. Se em uma família, o pai e a mãe bebem para relaxar após um dia estressante de trabalho, para refrescar por estar muito quente o dia, para esquentar por estar muito frio o tempo, para melhorar a digestão ou para poder saborear melhor uma refeição, o resultado será que a criança observando e internalizando esses comportamentos e prováveis efeitos como milagrosos, satisfatórios, mágicos, testará, muito provavelmente, essa experiência em sua adolescência, pois nesse momento de seu desenvolvimento visualizará o uso do álcool como tendo o poder de amenizar ou facilitar o enfrentamento de situações novas ou difíceis.

Como Figueiredo (1999) diz os “adultos bebem, fumam, tomam calmantes e os adolescentes associam essas coisas à vida adulta”. É evidente que, neste estudo consideramos a importância da questão cultural. Como cita Formigone (1997) em culturas onde a ingestão de álcool aparece cercada de rituais estabelecidos (como no caso dos judeus), ou em culturas onde se aprende a beber responsabilmente (quando e como beber) as taxas de uso abusivo de álcool são menores quando comparadas com culturas que proíbem o uso de bebidas. Isso mostra que, provavelmente, normas culturais bem definidas e direcionadas podem controlar a vulnerabilidade do indivíduo no desenvolvimento de beber problemáticos, embora deva-se considerar que o número de estudos feitos sejam pouco conclusivos e pesquisas mais aprofundadas necessitem ser desenvolvidas sobre esse aspecto.

Porém a questão do beber controlado é constantemente enfatizada por muitos autores, como por exemplo Vaillant (1999):

“Nos lugares onde a sociedade é estável e os rituais para o beber social estão desenvolvidos, o abuso de álcool é menor; naqueles lugares onde a sociedade se desagrega e os indivíduos tornam-se desmoralizados e o controle sobre a ingestão de álcool é diminuído o abuso é maior ” (p.97)

Na questão do uso de álcool por adolescentes, reconhece-se que campanhas de prevenção, controle eficiente sobre os meios de comunicação e maior rigidez na legislação vigente são pontos de grande valor, porém não serão eficientes se o modelo adulto de ingestão não for repensado pela família e não sofrer sérias modificações.

Cada vez mais, os profissionais das áreas de

saúde e social acreditam o que acesso a informações (sobre uso e conseqüências) não assegura que os adolescentes tenham consciência dos riscos causados pelas bebidas alcólicas. Modelos consistentes que influenciem a mudança de seu estilo de vida, atitudes e expectativas frente ao uso ou, principalmente atitudes que possibilitem a reflexão do adolescente com relação a essa questão seriam de fundamental importância.

A pesquisa realizada este ano pelo IBOPE para a Associação Parceria Contra as Drogas com o título “Os jovens e as drogas : opiniões e atitudes” mostram alguns dados significativos e confirmam o que dissemos acima. Quando questionados sobre o tipo de drogas que conheciam, o álcool aparece em 5º lugar, tendo sido mencionado por somente 10% dos adolescentes entrevistados. É bem provável que isto se deva ao desconhecimento ou precário conhecimento sobre o álcool. - que é a droga que mais danos traz à sociedade e, que continua invicta, em primeiro lugar, em todas as pesquisas como sendo a droga mais consumida. Uma outra informação aponta que quando questionados sobre a medida preventiva mais indicada para o uso de drogas, os adolescentes citam que “orientar a família para conversar com os jovens “ seria a forma mais aconselhável (52%). Sobre a principal razão para um jovem usar drogas, responderam que “tentar fugir de problemas com a família/ com os pais” (35%), e “ser aceito pelo grupo” (15%) aparece em segundo lugar. Sobre a pessoa ideal considerada por eles para se falar sobre drogas, a mãe aparece com 63%, seguido do pai (52%), com seus amigos e colegas (30%). Esses dados nos levam a algumas reflexões sobre a atuação da família junto aos adolescentes. Primeiro que ela continua tendo uma importância fundamental na construção de sua identidade. Segundo que, muito embora essa família vivencie uma crise de valores e padrões morais, ainda é nela que o adolescente quer e procura se apoiar em assuntos decisivos. Isto confirma a importância de modelos consistentes, pois ações preventivas sobre o uso de drogas e álcool devem passar necessariamente pela orientação de pais e familiares (ou adultos significativos) envolvidos na formação do adolescente.

Concluindo, tenho consciência que outros fatores relevantes devam ser enfocados num estudo que deseja compreender a construção da identidade de adolescentes que fazem uso do álcool, como por exemplo o papel da escola, dos grupos de pares, dos meios de comunicação de massa, etc., porém optei por assinalar alguns questões básicas que se encontram na base da socialização desses jovens, ou seja a família que foi se constituindo em nossa sociedade, as implicações na construção da identidade de adolescentes e sua relação com o uso do álcool.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1-ABERASTURY, A ., KNOBEL, M., A adolescência Normal. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- 2-ARAÚJO, L.B. e GOMES, W.B. Adolescência e as expectativas em relação aos efeitos do álcool. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol11, nº 1, Porto Alegre, 1998.
- 3-BERGER, P., LUCKMANN, T. A construção social da realidade. 14ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985.
Modernidad, pluralismo y crisis de sentido. Paidós, Barcelona, 1997.
- 4-CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas .IV – Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras. S.Paulo, 1997.
- 5-CIAMPA, A. C. A Estória de Severino e a História de Severina: Um ensaio de Psicologia Social, 5ª ed. S.Paulo, Brasiliense, 1985.
- 6-FORMIGONE, M.L., MONTEIRO, M.G. A etiologia do alcoolismo. In: *Alcoolismo Hoje*. 3ª ed.. P.Alegre, Artes Médicas, 1997.
- 7-REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. In: *Psicologia Social: o homem em Movimento*. 6ª ed., S.Paulo, Brasiliense, 1988.
- 8-SALLES, L. M. F. Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular. UNIMEP, S.Paulo, 1998
- 9-VAILLANT, G.E. A História natural do alcoolismo revisitada. P.Alegre, Artes Médicas, 1998